

CAPÍTULO 1

Leon

— Sangue foi vertido em Seu nome. Despertou.

Eu sentira a agitação antes de ele o ter anunciado. Malditos mortais, sempre a declarar o óbvio, como se eu fosse incapaz de sentir o chão a tremer e as raízes antigas a retesar — a *retesar*, como um corpo a preparar-se para ser atingido. Como se fosse incapaz de ouvir os sussurros a aumentar de volume na escuridão, gavinhas de pensamento antigo e incompreensível, a esticar e a sondar vulnerabilidades.

O cimento à minha volta — a sepultar-me vivo — não conseguia esconder a perturbação. Eu não precisava que o Kent entrasse aqui, todo pomposo, a fazer declarações como se fosse suposto eu prostrar-me com as notícias. Sentado de pernas cruzadas no meu maldito círculo de contenção, a afiar as unhas no chão de cimento, mal olhei para ele quando entrou na divisão com os seus comparsas. Limitei-me a grunhir quando falou, o que não pareceu satisfazê-lo.

— Ouviste-me, demónio? — disse ele num tom brusco, apertando com força a superfície de cabedal do seu grimório. Aquele maldito livro puído estava sempre nas suas mãos, o martelo que mantinha suspenso sobre a minha cabeça. Um homem não-mágico como o Kent não podia controlar-me sem o seu livrinho de feitiços.

— Ouvi. — Soltei um longo suspiro e encostei-me para trás para poder bater levemente com as unhas no chão. — Perdoa-me por não

saltar de alegria, Kennyzinho. O facto de estares aqui para te vangloriaries de que o teu velho Deus está a espreguiçar os seus membros, diz-me apenas que ainda não despertou o suficiente para te dar todo aquele poder delicioso que procuras. — A expressão no rosto dele ensombreceu perigosamente, e eu soube que estava a testar os limites, à beira de o incentivar a magoar-me.

O cativo era tão infinitamente fastidioso, que ver o quanto podia provocar o meu mestre antes de sentir dor se tornara uma verdadeira excitação.

Encolhi os ombros.

— Então, estás aqui com uma tarefa. Estás aqui para me mandar num recadinho qualquer antes de voltares a prender-me no escuro. Que empolgante.

Os nós dos dedos do Kent estavam brancos. Ele tinha um certo ar aristocrático; estaria tão à vontade na Londres vitoriana quanto entre a elite dos negócios de Seattle. Fato cinzento-escuro, umas riscas subtis na gravata preta, cabelos grisalhos perfeitamente cortados e penteados. Era tão esbatido quanto os céus nebulados de Washington, e praticamente tão imprevisível na sua disposição.

— Se eu fosse a ti, poupava a minha energia para o trabalho que aí vem, demónio — disse ele, com a voz controlada, a raiva mal contida. — Em vez de a desperdiçar nessa tua língua mesquinha. A não ser que queiras que a arranque de novo?

Ouviu-se uma risadinha vinda de uma das figuras com vestes brancas atrás dele, e eu lancei-lhe um olhar furioso, mas mantive a boca fechada. O Kent obrigara-os a usar os mantos e as máscaras de crânio de veado, mas eu sabia que os dois seres sem rosto que o acompanhavam eram os seus dois filhos adultos. A Victoria, que cheirava a uma fragrância amarga de baunilha artificial e a todos os químicos na maquilhagem dela. E o Jeremiah, que tresandava a *spray* corporal barato e gel de cabelo.

— Esta noite, à meia-noite, vais ao Cemitério de Westchurch. Irás em silêncio, certificando-te de que ninguém te deteta pelo caminho. Uma vez lá, encontra a sepultura de Marcus Kynes. Desenterra o corpo dele

e volta a encher a cova. Depois traz o corpo dele para White Pine. Compreendido?

Eu gostava bastante de ter a minha língua na boca. Era muito complicado fazer crescer uma nova.

— Compreendido.

Não havia relógio naquela pequena divisão medonha, mas, todavia, eu conseguia sentir a meia-noite a chegar. O mundo mudava ligeiramente, aproximando-se só mais um pouco da fronteira que o separava do Céu e do Inferno. A meia-noite fazia-me sempre sentir bem, assim como poder por fim esticar as pernas e sair do círculo de contenção.

O Kent mantinha-me naquele círculo com tanta frequência que o tinha gravado no chão. Tal como o pai, e o avô antes dele, o Kent receava que se me libertasse do seu serviço, quando não tivesse necessidade imediata de mim, eu conseguiria, de alguma forma, escapar-me dele para sempre. Tratava-se de um belo pensamento, mas com resultado improvável. O Kent tinha o grimório, o único registo restante do meu nome na Terra. Como tal, apenas ele podia invocar-me.

Suponho que ele também receava que eu, com o ódio considerável que lhe nutria, contornasse as regras e procurasse vingança, matando-o e a toda a sua família após ser libertado do seu serviço. Mais uma vez, um belo pensamento, e um resultado muito mais provável. Eu arriscaria a ira dos meus superiores no Inferno se isso significasse que seria capaz de destruir toda a sua família.

Mas já se passara mais de um século, e eu estivera todo esse tempo ao serviço da família Hadleigh. Francamente, era impressionante — mais ninguém fora capaz de me manter em cativeiro durante tanto tempo sem perder a vida, nunca. Havia um bom motivo para haver apenas um registo restante do meu nome. Ao longo dos anos, os invocadores aprenderam rapidamente que eu não era alguém fácil de comandar, e consideraram que o melhor seria desencorajar que me invocassem de todo.

Eu deixara um rasto de mágicos mortos atrás de mim e estava ansioso por deixar mais alguns.

A noite estava fria e enevoada, os pinheiros pingavam orvalho. O Cemitério de Westchurch era rodeado por árvores, praticamente invisível

da estrada silenciosa que o ladeava. Filas de lápides, algumas com mais de um século, orlavam o vasto relvado por aparar. Não demorei muito tempo a encontrar o Marcus. O talhão de terra revirada denunciava-o, a cova acabada de ser tapada. Uma lápide lisa e simples marcava o lugar.

Marcus Kynes. Vinte anos de idade. O «sangue vertido» que despertara o Deus dos Hadleigh. Era estranho que o Marcus tivesse sido enterrado. Era suposto um sacrifício ser feito na catedral, com o cadáver oferecido de imediato — ou oferecido vivo, se possível, para o Deus brincar com ele à vontade. O facto de o Marcus ter sido enterrado parecia um desleixe.

Não levei muito tempo a desenterrá-lo, usando as mãos e garras para arrancar a terra solta. O caixão era uma caixa de madeira simples, sem qualquer adorno. Assim que arranquei a tampa, o fedor a formol encheu-me as narinas. O Marcus fora enterrado num fato barato, o rosto jovem céreo com a quantidade de maquilhagem que lhe fora posta.

— Toca a acordar. — Icei-o para o meu ombro e rastejei para fora da campa, largando-o ao lado da pilha de terra que acabara de desenterrar. — Dá-me só um minuto, amiguinho. Não podemos deixar que a tua mãe saiba que a sepultura do filho foi profanada.

Enchi de novo a cova rapidamente e, depois, com o cadáver ao ombro, encetei o regresso a White Pine. A área da floresta, e o poço da mina que lá havia, era um percurso bastante rápido, mas incómodo, com o Marcus pendurado nas minhas costas. Ainda assim, era preferível correr pelas árvores com um cadáver do que a minha prisão de cimento.

A hora das bruxas aproximava-se quando cheguei a White Pine. Uma chuva miudinha começou a cair e, a cada segundo que passava, o Marcus cheirava ainda pior. Mas, além do fedor dele e o aroma a terra molhada, consegui cheirar fumo. Uma fogueira algures no bosque.

Embrenhados no meio das árvores, um pouco acima da colina, encontrei o Kent e o seu bando à minha espera perto das chamas.

Todos envergavam os seus mantos brancos e máscaras de veado. Havia pelo menos duas dúzias deles espalhados por entre as árvores, falando baixinho debaixo de guarda-chuvas pretos. Não admira que esta cidadezinha estivesse cheia de visões do oculto. Graças ao pequeno culto do Kent, que se autodenominava Libiri, praticamente toda a população de

Abelaum tinha uma história fantástica qualquer sobre ver um monstro na floresta.

E não estavam propriamente errados. *Estavam* a ver monstros, mas da espécie humana.

A única que não envergava o uniforme era a Everly, a filha ilegítima do Kent Hadleigh. Uns meses mais velha do que os meios-irmãos, a Victoria e o Jeremiah, a Everly era loira, esbelta e vestia o seu conjunto preto habitual. A aspirante a bruxa parecia completamente petrificada por estar ali e, quando os seus olhos azuis incidiram em mim e no cadáver que transportava, pareceu que ia vomitar.

— Irmãos, Irmãs, aí vem o sacrifício. — O Kent falava numa voz bizarramente teatral quando estava perante o seu bando de fanáticos. Algures entre um pregador fatalista do Sul e um professor de infantário com corpos enterrados no jardim. Aquela voz enervava-me, assim como a forma como estalou os dedos e apontou para o chão aos pés da Everly. — Aqui. Pousa-o no chão.

Deixei o Marcus cair sem cerimónias aos pés da jovem bruxa e vi um vislumbre de dor no rosto dela. Conhecia-o? Um colega da universidade, talvez? Ou o coração dela tornara-se subitamente sensível quando os sermões do pai sobre a beleza da morte se tornaram uma realidade bastante feia?

— Tira-lhe a roupa — ordenou o Kent, e eu despi o cadáver de pronto, rasgando o fato barato como se fosse papel. Com o peito despi-do, consegui ver as feridas que nenhuma quantidade de maquilhagem funerária seria capaz de cobrir: múltiplas facadas cortavam o seu peito ao acaso e, entre elas, viam-se os desenhos das linhas e runas da oferenda sacrificial.

Desleixado. Muito desleixado. Se eu tivesse de adivinhar, não fora planeado. Espontâneo, até.

Arqueei uma sobranceira ao Kent, uma pergunta silenciosa à qual sabia que não iria responder. Ele acenou bruscamente com a cabeça para a Everly, e a jovem bruxa, com uma palidez doentia, ajoelhou-se e começou a examinar as marcas no peito do Marcus.

— Vão funcionar — disse ela, por fim. Apressou-se a levantar e desviou os olhos do cadáver. — As marcas são grosseiras, mas eficazes.

— Os olhos dela pestanejaram ao observar o grupo num breve momento de preocupação. Pensou que o que dissera pudesse ter ofendido alguém, e a ofensa poderia trazer consequências.

— Muito bem — disse o Kent, em voz baixa. Depois, mais alto, de novo com a sua teatralidade: — Esperamos há muito por este dia, meus filhos. Há muito que o Profundo espera por isto, com extrema paciência e misericórdia. Hoje, o primeiro de três vai para as suas profundezas. Que mais dois se sigam.

— Que mais dois se sigam — murmurou a multidão, exceto a Everly, cujos lábios estavam cerrados numa linha fina e dura no seu rosto bonito.

— Servo, leva o sacrifício para a mina — ordenou o Kent. *Servo*. Maldito inferno. Eu queria asfixiá-lo com a própria língua. — O Jeremiah acompanha-te. Este sacrifício é uma oferenda dele.

Uma figura avançou, a tresandar a *spray* corporal. O Jeremiah, obviamente. Este sacrifício desleixado, não planeado e absolutamente trapalhão, devia-se ao querido filho do Kent. Revirei os olhos, mas levantei do chão o corpo nu do Marcus e, sem dirigir uma palavra ao Jeremiah, avancei para o meio das árvores, para longe da luz da fogueira.

O Jeremiah tentou afirmar-se ao caminhar à minha frente, mas mantive o meu passo rápido o suficiente para que não o conseguisse fazer. O rapaz tinha ainda menos paciência do que o pai.

— Foda-se, Leon, vai mais devagar — disse ele. — Ou juro que, da próxima vez, o meu pai te arranca os tomates.

— Ui, que mau feitio. — Abanei a cabeça, mas abrandei. Ia deixar que o parvalhão fosse à frente, deixá-lo aproveitar o seu pequeno momento de poder. Pelo menos, olhar para a nuca dele permitia-me fantasiar com a possibilidade de a quebrar. — Com que então este é teu, hein? Tiveste uns problemitas com ele?

— O parvalhão tentou fugir — disse ele, rindo depois maliciosamente. — Não foi longe. Guinchou como um porco. Acho que compreendo porque gostas tanto de matar, Leon. É uma adrenalina do caraças.

Cerrei os dentes.

— Não penses que podes compreender a morte com um assassínio desleixado. Espera só até o teu Deus despertar. Vai ensinar-te uma coisinha ou duas sobre a morte.

Tenho a certeza de que ele adoraria ter ripostado, mas tínhamos chegado. Ali, à sombra das árvores, ficava o poço da mina de White Pine. Emparedada há quase um século, a madeira manchada que emoldurava a entrada fora coberta com inúmeras runas: umas gravadas, algumas pintadas, outras marcadas a ferro. Uma placa de metal pendia da madeira numa corrente quebrada, dizendo: CUIDADO: MINA ABERTA. ENTRADA PROIBIDA. O chão estava coberto de musgo e inúmeros cogumelos brancos cresciam em aglomerados espessos em volta da abertura do túnel.

O próprio chão vibrava. As árvores estavam inquietas. Um odor estranho, como água profunda e algas podres, permeava o ar. Algures, nas profundezas daqueles túneis inundados sob os nossos pés, um Deus antigo despertava.

Eu não me assustava facilmente, mas, ainda assim, arrepiei-me.

— Bem, aqui tens. — Empurrei o Marcus para os braços do Jeremiah, que saltou para trás com um grito e deixou o pobre Marcus cair na lama.

— Mas o que raio se passa contigo? — A voz dele saiu num tom esganiçado. Já não soava tão arrogante. — Não quero tocar nisso!

— O sacrifício é *teu*. — Encolhi os ombros. — Queres mesmo que um demónio reivindique a tua oferenda ao Profundo ao atirá-lo lá para dentro?

O Jeremiah hesitou, alternando rapidamente o olhar entre mim e o cadáver. A garganta dele cingiu-se ao engolir em seco. Eu não queria mesmo saber como o corpo entrava ali, mas se tivesse uma oportunidade de fazer com que o Jeremiah se contorcesse de medo ia agarrá-la.

Por fim, com um grunhido de nojo, o Jeremiah pegou no Marcus; a tarefa não era fácil, visto que o morto era praticamente do tamanho dele. Arrastou-se até à mina e parou mesmo à entrada, espreitando para a escuridão total do outro lado.

Quanto sofreria eu se simplesmente o empurrasse lá para dentro? Dois sacrifícios pelo preço de um. O Kent devia considerá-lo um bom negócio.

Mas resisti. A vingança chegaria, um dia.

Ou o Profundo acordaria e matar-me-ia primeiro.

Com um grunhido, o Jeremiah atirou o Marcus para a escuridão. O corpo caiu no chão com um baque, ouviu-se um restolhar quando rolou, e depois um salpico quando atingiu a água que inundava o túnel lá em baixo. O cheiro a água do mar intensificou-se e o vento aumentou, abanando os pinheiros acima. Senti uma pontada desagradável no estômago, e o Jeremiah apressou-se a afastar-se da mina aos tropeções, limpando as mãos ao manto. Não disse uma palavra, limitando-se a marchar pela colina abaixo.

Fiquei ali por um momento, a olhar para a escuridão. Os dedos dos meus pés encolheram com o ribombar que vinha lá do fundo, o meu crânio a vibrar com a força. A maré estaria cheia no dia seguinte. Aquelas árvores começariam o processo longo e lento de tentar puxar as raízes da terra, como se pudessem afastar-se da coisa lá em baixo que parecia tão *errada*.

Então, da escuridão, veio um uivo. Como o urro de uma raposa, mas prolongado num grito tão agonizado que fez com que os pelos na minha nuca se eriçassem.

Estava na hora de ir embora. Não me apetecia lidar com aquilo agora. Nem nunca.

O Deus não era a única coisa que despertava.

CAPÍTULO 2

Rae

Havia algo de mágico em voltar a um lugar onde não punha os pés desde a infância. Aquelas primeiras memórias pareciam enevoadas, como um sonho febril, um mundo completamente diferente do que me habituara em Oceanside. A minha adolescência fora passada a fumar charros e a beber cerveja *Modelo* na praia. Mas quando era miúda? O meu mundo era composto por aquelas florestas de um verde profundo que pareciam não ter fim, repletas de fadas e unicórnios, o meu cérebro de menina a explodir com tanta imaginação, que o meu pai pensou que eu nunca conseguiria sossegar e existir no mundo real.

Ele não estava errado. O mundo real era aborrecido e envolvia empregos de escritório, blusas com colarinhos tesos e demasiados sapatos desconfortáveis. Envolvia também passar a reforma em Espanha — motivo pelo qual eu regressava agora à casa da minha infância, enquanto os meus pais terminavam o processo de venda da sua casa na Califórnia do Sul para se reformarem com todo o luxo na costa espanhola.

Poderia ter ido com eles, é claro. Mas escolher ficar e terminar o meu último ano na universidade era uma atitude responsável e *muito adulta*, como diria o meu pai, que eu precisava de começar a ter, já que estava prestes a deixar de ser chamada de estudante universitária.

Era uma longa viagem de carro para norte. O meu rabo estava dorido, as minhas costas doíam e o meu gatinho gorducho, *Cheesecake*, estava absolutamente furioso por estar de volta ao carro pelo segundo dia consecutivo. Nem sequer as batatas fritas que eu continuava a atirar do meu saco de comida *fast-food* o conseguiam apaziguar. Conduzi através de um mundo repleto de cinzentos húmidos e verde-escuros encharcados até, por fim, passar o sinal de boas-vindas da cidade de Abelaum, com uma população de 6223 habitantes — ou, agora, 6224, graças a mim. A carga de água tornou-se uma morrinha e o mundo em aguarela aprofundou os seus tons até a floresta ganhar forma: pinheiros altos rodeados por um matagal espesso de fetos e árvores jovens, com chapéus de cogumelos a brotar, pálidos e fantasmagóricos, das suas raízes.

Devia ter ficado em casa a desfazer as malas. Em vez disso, depois de carregar apressadamente as minhas caixas para a sala e certificar-me de que o *Cheesecake* tinha comida e água, voltei para o carro e fiz o caminho curto para a cidade até à Main Street. Na loja da esquina de um edifício em tijolo de três andares, encontrei-me com a minha melhor amiga de há quase quinze anos, Inaya, na livraria Golden Hour Books.

A Golden Hour Books *dela*. A minha melhor amiga realizara o seu sonho e era a orgulhosa proprietária da livraria mais fofa que eu alguma vez vira.

— Estou quase a acabar — disse ela, com os dedos a voar sobre as teclas do computador portátil. Tinha as mãos adornadas com anéis de ouro delicados que brilhavam em contraste com a sua pele negra, anéis embelezados com pequenas abelhas e flores que condiziam com os panos florais cosidos ao casaco cor-de-rosa. Ela era o raio de sol mais luminoso que eu vira desde que passara por São Francisco, e sentia-me mais quente só por estar na sua presença.

— Não há pressa, miúda, demora o tempo que quiseres. — Originalmente, tínhamos combinado encontrarmo-nos mais tarde naquela noite, mas eu estava demasiado impaciente por vê-la e também desejava em esquivar-me à tarefa entediante de tirar toda a minha vida de caixas de cartão. Agora, sentia-me culpada por ter aparecido quando ela estava a meio de catalogar uma remessa tão grande de livros.

Peguei numa das pilhas cujos dados ela acabara de inserir no computador e equilibrei-a com cuidado no peito.

— Levo estes para as traseiras?

— Essa pilha é tão grande quanto tu! — disse ela, rindo. — Não tens de fazer nada.

Não conseguia propriamente vê-la do outro lado da pilha de livros e os meus óculos tinham escorregado pelo meu nariz. Mas insisti.

— Para as traseiras?

— Sim, há um carrinho amarelo lá atrás — disse ela. — Obrigada!

Infelizmente, a gravidade e eu sempre tivemos uma relação conturbada — bastante tóxica, na verdade. Entre os atacadores desapertados das minhas botas, os óculos a escorregar e a pilha de livros demasiado alta, tropecei nos meus próprios pés a meio do caminho para as traseiras da loja e os livros voaram das minhas mãos.

— Está tudo bem! — gritei enquanto a Inaya ria às gargalhadas, bem alto. De gatas, juntei os livros atabalhoadamente; até os meus dedos roçarem na capa em pele gasta de um volume fino e eu puxar repentinamente a mão para trás, chocada. O livro estava *gelado*.

Virei-o, curiosa. As letras e o desenho em filigrana da capa pareciam ter sido queimados na pele, e as palavras eram-me estranhas: latim, se tivesse de adivinhar. Saquei do telemóvel e escrevi-as no motor de busca para as traduzir.

Era latim, e dizia: Artes Mágicas e Conjurações.

— Encontrei alguma coisa boa? — Assustei-me com a voz da Inaya. Havia um som nos meus ouvidos como o rugido distante das ondas ao longo de um túnel comprido, e o meu estômago parecia oco, como a sensação de estar a cair.

— Sim, olha só para isto. Este parece mesmo antigo. — Passei-lhe o livro e senti um choque de eletricidade quando me saiu dos meus dedos: um pequeno arrepio de medo que me fez querer agarrá-lo de volta. A Inaya abriu-o, franzindo o rosto.

— Uau! — Os olhos dela arregalaram à medida que passava os dedos pela página com reverência. — Este livro não é impresso. É *escrito à mão*.

Levantei-me e encostei-me ao ombro dela para conseguir ver. Abri o livro ao meio. Numa das páginas havia um esboço de uma mutação

bizarra de um cão *zombie*, defeituoso e esquelético. A outra página estava coberta de linhas impecavelmente escritas em latim. Fazia lembrar o diário de um explorador, algo que Charles Darwin tivesse levado consigo ao explorar as Galápagos — se as Galápagos estivessem cheias de monstros e magia.

— Acho que é um grimório — disse eu, baixinho. Ela olhou para mim, confusa, por isso expliquei: — Um livro de feitiços e rituais, como a *Chave de Salomão*. Um original como este é raro. Muito, *muito* raro.

A Inaya abanou a cabeça enquanto fechava o livro com cuidado, com um sorriso retorcido no rosto.

— Então parece que combina totalmente contigo. Queres ficar com ele?

— Inaya, essa coisa deve ter um valor incalculável! Tenho de te pagar alguma coisa...

Ignorou-me, dirigindo-se ao balcão com o livro nas mãos.

— Considera-o parte do teu presente de dama de honor — disse ela. Mexendo-se com muito cuidado, tirou um rolo de papel castanho de debaixo do balcão e embrulhou o livro, rematando-o com um pedaço de fita-cola e um laço feito com fio de cordel. — Estes livros foram todos oferecidos pela Sociedade Histórica de Abelaum, por isso não te preocupes com o dinheiro. Estes volumes estavam ali parados no armazém. — Ela entregou-mo e peguei nele delicadamente com as mãos, como se ela me tivesse dado uma relíquia sagrada. — Um livro sinistro para a minha miúda sinistra favorita. Bem, acho que podíamos fazer uma pausa. E que tal um café?

— Ela limitou-se a *acabar* contigo? Na semana antes de te mudares? Tipo, *então xauzinho, boa sorte, adeus?* — A Inaya abanou a cabeça, batendo as unhas pintadas de cor-de-rosa na caneca de café. — Tens mesmo o mau hábito de namorar com idiotas, Rae.

Assenti com a cabeça com um suspiro pesado. A dor de a Rachel ter acabado comigo porque eu escolhera mudar de estado permanecia intensa, enfiando-se entre as minhas costelas como um espinho. Não pensara exatamente que ficaríamos juntas para sempre, mas o nosso interesse partilhado pelo sobrenatural e exploração urbana conseguira

disfarçar os nossos problemas mais profundos durante os seis meses de namoro.

A Inaya apressou-se a acrescentar:

— Mas adoro o corte pós-rompimento! Muito anos sessenta. Fica-te bem.

Passei uma mão pelo cabelo, sorrindo com o elogio. Estava bastante mais curto e escuro do que da última vez que me vira: tinha pintado o meu cabelo castanho-arruivado natural de preto e cortara-o a direito pelo queixo na noite em que a Rachel acabou comigo. Fresco. Uma vida nova.

— Agora acho que me posso intitular de Bibliotecária Gótica — brinquei, empurrando os meus óculos de hastes pretas um pouco mais para cima. A Inaya ergueu uma sobrancelha, cética. — Gótica *Nerd*, talvez?

— Amiga, ainda és a minha Gótica dos Fantasmas, não importa o que faças ao cabelo — disse ela com uma risadinha, e ficámos ali sentadas em silêncio por alguns momentos enquanto bebericávamos os nossos cafés. O café onde estávamos, La Petite Baie, ficava mesmo ao lado da Golden Hour Books. A decoração era um misto agradavelmente eclético de obras de artistas locais, esculturas de bronze esquisitas e uma variedade de cadeiras confortáveis e mesas renovadas. A Inaya e eu estávamos à janela, onde podíamos olhar para o exterior e ver a floresta do outro lado da rua.

— Estás a gostar de estar de volta ao chalé? — perguntou a Inaya, dando um gole no seu *latte*. — Já viste o teu velho fantasma? Como é que costumávamos chamar-lhe? — Ela pensou por um instante. — Ah, sim, o *Cowboy* da Noite!

Sorri ao ouvir a alcunha que déramos ao fantasma da minha infância. Não pensava nele há anos.

— Ainda não o vi, mas veremos como corre a primeira noite. — Bati com os dedos no queixo, pensativa. — Talvez monte umas quantas câmaras térmicas para ver se consigo registar finalmente uma aparição de corpo inteiro.

— Como é que isso anda a correr, já agora? O *vlog* dos fantasmas?

Dei uma risadinha com a descrição fiel da Inaya do meu «*vlog* dos fantasmas», mesmo que a pergunta me tenha levado a retrair internamente.

— Oh, sabes como é. O canal está a crescer.

— Apanhaste alguma coisa em grande, ultimamente? Aparições, ou...

— Apanhei algumas vozes incorpóreas. Orbes.

— Oh! Isso é fixe.

Isso é fixe. Já, aquela resposta desanimada era exatamente o que ia acontecer em breve ao público do meu *vlog*. Não havia lugar para investigações paranormais genuínas na Internet; não quando todos os outros canais «paranormais» fingiam invocar o Homem da Meia-Noite e usavam efeitos especiais e representações medíocres para atrair um público que procurava satisfação instantânea. Comparativamente, as minhas gravações longas e captações de vagos fenómenos de voz eletrónica eram maçadoras.

Eu precisava de algo em grande. Algo chocante.

Precisava de algo *real*.

Mas os espíritos operavam no seu próprio tempo, não no meu, e era frustrante sair continuamente das minhas investigações de locais «assombrados» sem nada para mostrar. O tempo e esforço que eu andava a desperdiçar na minha paixão teria de ser investido, em breve, em encontrar um emprego «a sério». Os rendimentos da publicidade do canal não iam trazer dinheiro suficiente para me sustentar, não depois de os meus pais venderem o chalé que me deram para ficar durante o ano em que terminava o curso.

— Tenho a certeza de que vais conseguir uns bons lugares para filmar por aqui — disse a Inaya, puxando-me do meu poço mental de desespero. — Todas as lendas que há na cidade... miúda, deve ser uma mina de ouro para ti.

Assenti com a cabeça. Crescer em Abelaum era como ser criada rodeada por fantasmas; não necessariamente fantasmas a sério, mas fantasmas do passado. Outrora uma das cidades mineiras mais lucrativas do Pacífico Noroeste, ainda era possível encontrar túneis mineiros emparedados pelas florestas que rodeavam Abelaum. Dezenas dos seus

edifícios originais continuavam de pé, cuidadosamente restaurados e mantidos por uma sociedade histórica local fervorosamente dedicada.

Havia muita história a ser descoberta, e com a história vinha a tragédia.

— Oh, merda, já viste a professora Kathy? Ela ainda mora ao fundo da tua rua — disse a Inaya. — Lembras-te o quão zangado o teu pai ficou quando ela nos contou sobre a tragédia de 1899?

— Amiga, essa história viciou-me em terror, é claro que me lembro! No entanto, para ser franca, quem é que anda por aí a contar uma história daquelas aos alunos do primeiro ano? — Fiz a minha melhor imitação da nossa antiga professora, colocando uma voz esganiçada enquanto brandia o dedo a uma sala imaginária cheia de miúdos. — Oh! Crianças! Querem que vos conte a história dos mineiros que ficaram presos na mina inundada e se comeram uns aos outros para sobreviver? Se o canibalismo não vos der pesadelos, seus meninos mimados, então e que tal se vos contar também sobre o monstro que vive lá em baixo?

— O *Deus antigo*. — A Inaya fez aspas com os dedos, abanando a cabeça. — Mas ela acreditava. A professora Kathy era maluquinha.

— Ela não...

— Hã? Acreditava, pois. Não te lembras daquelas espinhas e colheres de prata que ela pendurava em volta da casa dela? Ela disse à minha mãe que era para evitar o mau-olhado ou qualquer merda assim. — A Inaya encolheu os ombros, terminando o *latte*. — Adoro esta cidade, mas as pessoas podem ficar mesmo estranhas quando vivem no meio da floresta durante muito tempo. A professora Kathy não era a única a acreditar nessas velhas lendas.

— Por falar em lendas... — Bati com os dedos na minha chaveira, tentando parecer inocente. — Aquela velha igreja continua lá em cima? Perto da conduta por onde tiraram os últimos três mineiros?

— A de São Tadeu? Acho que sim. — A Inaya franziu o rosto. — Duvido que o Senhor Hadleigh deixasse que a demolissem. Ele é bastante protetor daqueles locais históricos. — Vendo a expressão confusa no meu rosto, continuou: — O Kent Hadleigh é o diretor da Sociedade Histórica. Muito simpático, muito rico. Sou colega de turma da filha, a Victoria, em algumas aulas. Apresento-vos na segunda-feira.

Respondi com um «oh» à sua explicação, com o cérebro ainda focado no potencial fantástico de uma igreja centenária abandonada com um passado trágico. Ela percebeu e semicerrou os olhos.

— Está condenada, já agora — disse ela, inexpressiva. — A igreja está condenada. Tipo, *não é seguro entrar lá*.

— Ah, sim, claro, claro. — Assenti rapidamente com a cabeça. — Igreja antiga, provavelmente assombrada e abandonada? Nem pensaria em entrar lá.

A Inaya suspirou.

— Tu és doida, miúda. Um dia destes, vais meter-te em sarilhos a sério.

Levei a mão ao peito, fingindo-me ofendida.

— Eu? Em sarilhos? Nunca.